

**Civilização do Amor, Cidadãos do Mundo. Por um novo ethos de menos individualismo e mais corresponsabilidade**

*Patrícia Cristina Rodrigues<sup>1</sup>*

*"Estamos todos no mesmo barco.  
Essa é a primeira vez na história em que o mundo  
é realmente um único país, em certo sentido. E não há reversão.  
Logicamente, podemos tentar construir muros impenetráveis  
ao redor do nosso lugar escolhido,  
onde queremos ser felizes sozinhos,  
sem compartilhar com os outros,  
mas essas são tentativas fracassadas.  
Não darão certo a longo prazo.  
O fato é que nós somos, agora, interdependentes."  
Zygmunt Bauman*

**1. Imerso no desejo de possuir e em concepções errôneas sobre o seu direito natural à Terra o homem se afastou dos seus anseios fundamentais.**

Alheia à consciência de que temos uma origem comum e que para ela em algum momento voltaremos, a humanidade vivencia um clima de urgência na satisfação imediata de prazeres momentâneos, de um “quase salve-se quem puder” na busca de recursos básicos para a sobrevivência como dinheiro, lazer e até amor. Ela cai frequentemente em estratégias individualistas e, por muitas vezes competitivas, na desenfreada busca para alcançar esses objetivos.

A falta de uma comunicação sincera e o medo de confiar as suas fragilidades a outros foram criando seres humanos cada vez mais voltados para si mesmos, iludidos por uma autossuficiência que leva ao fechamento (apesar do fenômeno da globalização e da conectividade através das mídias sociais nunca ter sido maior), induzindo a uma comunicação superficial de sentimentos e desejos.

Sentindo-se inadequado na sociedade que o rodeia, onde vivencia e vê um infundar de injustiças e violências, o homem vai buscar segurança e conforto no isolamento do seu individualismo. Ele constrói o que o economista Bryan Caplan chama de “minha linda bolha”: se não se pode mudar o mundo, ao menos vou me defender, cuidar de mim, e se possível cercar-me dos que pensam e tem o mesmo poder aquisitivo

<sup>1</sup> Bióloga e professora do Setor de Cultura Religiosa do Departamento de Teologia.

que eu; enfim vou cuidar do meu próprio jardim e se assim me realizar, tornando-me melhor, dou a minha parcela de contribuição ao mundo.

É claro que não há nada de errado em buscar se melhorar, como forma de uma transformação maior. Isso já exige um esforço louvável, uma vez que se melhorar exige não só autoconhecimento, mas também coragem de transformação do necessário.

Mesmo que inconscientemente, o homem nasceu para se relacionar com o meio em que vive e com o outro em toda sua diversidade, não somente na sua zona de conforto, onde tudo é conhecido. Para isso, o *Homo sapiens* desenvolveu a sua linguagem tão elaborada, para se comunicar, para estar em relação com o outro, não deixando de se reconhecer como animal, para que se relacione com a natureza de forma harmoniosa. São desejos ancestrais da espécie humana.

O resultado para a humanidade pode ser um sabor amargo de insatisfação devido à negligência e falta de cultivo dessas duas relações, com o outro e com o meio, por preferir se refugiar na bolha individualista de Caplan, pois a felicidade completa é também um fenômeno comunitário.

A insatisfação do individualismo gera uma série de fomes no ser humano, e esse vazio interior precisa ser preenchido. Para isso, a humanidade encontrou várias formas, já que o ter e a ostentação há muito tempo tornaram-se mais importantes que o ser e o experimentar: a aparência supervalorizada, da moda com suas roupas de grife à forma física; a urgência de acompanhar os avanços tecnológicos, com a compra de novos dispositivos às vezes desnecessários ou subutilizados; a alimentação desregrada, levando a doenças, obesidade e até a descartabilidade das relações afetivas. Todas essas tentativas de preencher um desejo mais profundo: de se sentir autossuficiente, independente, de ser notado, de ser admirado, se misturando com o desejo de ser de fato amado. E segundo Bauman: “em nosso tempo, só há direitos e cidadania se o sujeito puder consumir. Eles (os jovens pobres) não querem derrubar o sistema, querem apenas consumir os produtos que eles próprios produzem e assistem sendo consumidos pelos jovens ricos”, o que aumenta a urgência do ter e ostentar ter para ser aceito e valorizado.

Segundo o papa Francisco, essa voracidade de consumir “é o reflexo subjetivo do paradigma tecno-econômico atual. O ser humano aceita os objetos comuns e as formas habituais da vida como lhe são impostos pelos planos nacionais e pelos produtos fabricados em série e, em geral, age assim com a impressão de que tudo isto seja razoável e justo” (*Laudato Si*, 203).

Todos temos que ter os mesmos recursos para sermos e ostentarmos ter a mesma felicidade, sobretudo nas redes sociais. E o pior é que esse pensamento “faz crer a todos que são livres, pois conservam uma suposta liberdade de consumir, quando

na realidade apenas possui a liberdade a minoria que detém o poder econômico e financeiro. Em tal contexto, parece não ser possível, para uma pessoa, aceitar que a realidade lhe assinale limites; neste horizonte, não existe sequer um verdadeiro bem comum.” (*Laudato Si*, n. 203-204). E este é estado da humanidade, imersa no paradigma do individualismo onde o bem comum, o cuidado com o outro e preservação do ambiente para as gerações futuras se tornaram apenas o desejo de uns poucos ou uma utopia inalcançável.

## **2. Que seja um ! A unidade e a fraternidade como caminho de salvação do homem e da vida na terra.**

A originalidade é voltar à origem,  
de modo que o original é aquele que,  
com novos meios,  
volta a simplicidade das primeiras soluções.  
*Antônio Gaudí*

Zygmunt Bauman, aponta duas questões como as mais importantes da contemporaneidade: o grau de conexões que a humanidade atingiu (tornando-a interdependente), e o final da ideia de que a natureza existe para satisfazer os desejos humanos. Ou seja, a maneira como eu escolho me relacionar com o mundo ou o meu individualismo afeta a todos, bem como a minha omissão, repercute não apenas na minha própria vida, mas na do planeta como um todo.

Está cada vez mais clara a influência antrópica no clima e na temperatura da Terra, influenciada por atividades como a queima de combustíveis fósseis, o abate das florestas tropicais e da pecuária: o aumento observado é muito maior do que seria esperado por alterações naturais, sem falar da perda de biodiversidade ou de recursos hídricos potáveis. O homem transformou o mundo. A humanidade é responsável não só pela injusta divisão de bens materiais, como pela injusta e invasiva divisão de recursos naturais que em algum momento nos tocará a todos. Sendo que obviamente se fará sentir mais fortemente entre os menos favorecidos economicamente, como se pode imaginar no caso da privatização de recursos hídricos potáveis.

Estaremos num caminho sem volta de degradação rumo ao apocalipse ecológico ou há um exagerado alarmismo ecológico? Haverá salvação para a humanidade e a vida no planeta terra? Se sim, qual seria o caminho de volta?

Como disse Gaudí, arquiteto Catalão profundamente impressionado pelas belezas naturais abundantemente retratadas em suas obras, bastaria voltarmos às origens, porém com novos meios. Se usados adequadamente, o progresso e tecnologia

trazem muitos benefícios e poderiam até ser usados para mitigar danos que eventualmente tenham colaborado para causar.

A mais complexa e a mais urgente mudança que precisa ocorrer é a conscientização da necessidade de formação de um novo ethos, livre do individualismo, um ethos que volte a confiar na bondade humana e no amor, como nos diz o papa Francisco:

*“Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. Sem tal capacidade, não se reconhece às outras criaturas o seu valor, não se sente interesse em cuidar de algo para os outros, não se consegue impor limites para evitar o sofrimento ou a degradação do que nos rodeia. A atitude basilar de se auto-transcender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo”. (Laudato Si, 208)*

Se quebrarmos as correntes aprisionantes do individualismo e cada qual sair do conforto de suas bolhas, poderemos causar mudanças concretas na sociedade. É Francisco que aponta o caminho de voltas às origens humanas que Gaudí mencionava: “É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo, que vale a pena ser bons e honestos”. (Laudato Si, n. 229).

Somos chamados a assumir um novo ethos, um ethos que não deve mais ter vergonha de ser bom e honesto, o que muitas vezes soa como fora de moda e sinônimo de idiotice, em sociedades corruptas como a nossa.

Ainda indicando o caminho de volta às origens, Francisco nos alerta:

*“Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bondade, à fé, à honestidade; chegou o momento de reconhecer que esta alegre superficialidade de pouco nos serviu. Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento de uma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente.”(Laudato Si, n. 229)*

Somos chamados a construção de um novo ethos de justiça e respeito das diferenças, que permita que todos tenham o que necessitam e suas vozes sejam ouvidas, constituindo uma enorme cidadania planetária .

Já em 1977, Paulo VI nos conclamava a acreditar e ajudar a concretizar a paz: “Não há civilização sem a paz”. “Se queres a paz, defende a vida”. Ele nos chama a defender o direito de que todos vivam e não só subsistam. Direito à vida biodiversa, num planeta sadio e respirando. Vida plena. Vida em abundância. Paulo VI nos conclama a ir além, e assim não só acreditando na paz, mas concretamente defendendo a vida de

todos, sem exceção. Para alcançar essa paz, fundemos a “Civilização do amor”, onde os vínculos de irmandade imperem numa fraternidade universal, ao que Francisco acrescenta: “o cuidado da natureza faz parte de um estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão. Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos”. E a humanidade precisa recobrar essa sensação de pertença e origem comum, “perceber que o amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos venha a fazer.” (*Laudato Si*, n. 228).

Segundo Francisco, o amor se pode por tanto quanto em pequenos gestos individuais, como a simples alteração para hábitos mais ecológicos (como apagar as luzes desnecessárias ou apertar uma torneira pingando) até ações sociais:

*“O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também uma forma de amor civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade, que toca não só as relações entre os indivíduos, mas também as macro-relações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos”* (*Laudato Si*, 231).

E os meus pequenos gestos de retidão, respeito e transparência influenciam na construção de um novo ethos e refletem-se na ética das macro-relações.

Somos chamados a sonhar com a civilização do amor e a pensar em grandes estratégias que detenham a degradação ambiental e incentivem essa cultura do cuidado, onde o “amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico: para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social – nos planos político, econômico, cultural – fazendo dele a norma constante e suprema do agir” (Francisco Apud Pontifício Conselho, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* n. 582)

Francisco não é o primeiro a ser otimista quanto a capacidade de redenção da humanidade (*Laudato Si*, 205). Se acreditarmos e investirmos nessa cultura de amor, paz e reforma do ethos, ao mesmo tempo que forem tomadas medidas práticas de contenção e recuperação da degradação ambiental, pode ser que futuramente esta geração seja apenas lembrada como os que advertiram quanto ao risco que a humanidade e o planeta corriam, e outros ainda dirão que foram uma geração de alarmistas ecológicos pessimistas, ou ainda só uma geração de profetas Jonas que tiveram suas admoestações escutadas e o seu povo e planeta salvos da destruição.

Independente de como seremos vistos, na Carta da Terra, p.7 se deseja: “que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência face à vida, pelo

compromisso firme de alcançar a sustentabilidade, a intensificação da luta pela justiça e pela paz, e a alegre celebração da vida “ e que assim, com essas mudanças, consigamos reverter os muitos danos causados aos semelhantes e ao planeta, e possamos de fato, merecer o nome de cidadãos do mundo, integrantes de uma civilização do amor.

### Questões para reflexão:

1. O que seria realmente viver em paz para você?
2. Você acha que isso seria possível num contexto social, isto é , onde todos o possam alcançar?
3. O que seria necessário para isso acontecer?
4. Leia a pequena parábola a seguir “A diferença entre o céu e o inferno” de Robert B. Dilts e em seguida assista o vídeo “A História das Colheres de cabo Grande”, respectivamente nos links abaixo:  
[http://www.possibilidades.com.br/parabolas/ceu\\_e\\_inferno.asp](http://www.possibilidades.com.br/parabolas/ceu_e_inferno.asp)  
<https://www.youtube.com/watch?v=-NQIc>
5. Diante destas duas referencias acima, que alterações você sugere para que nos tornemos realmente Cidadãos do mundo e Civilização do amor”?

### Bibliografia:

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DwxkcFc0CVY> acesso fev/2017
- CAPLAN, Bryan. **My beautiful bubble**. Disponível em: [http://econlog.econlib.org/archives/2012/03/my\\_beautiful\\_bu.html](http://econlog.econlib.org/archives/2012/03/my_beautiful_bu.html), acesso em março/2017
- COMISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Carta da Terra, Haia, 29 de junho de 2000**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/cartadaterra.pdf>, acesso em mar/2017.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html), acesso em fev/2017.
- PAULO VI, Papa. **Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 1977**: AAS 68 (1976), 709. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf\\_p-vi\\_mes\\_19761208\\_x-world-day-for-peace.htm/](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19761208_x-world-day-for-peace.htm/)
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. N. 582. Disponível em:

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/justpeace/documents/rc\\_pc\\_justpeace\\_doc\\_20060526\\_compendio-dott-soc\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html). Acesso em fev/2017